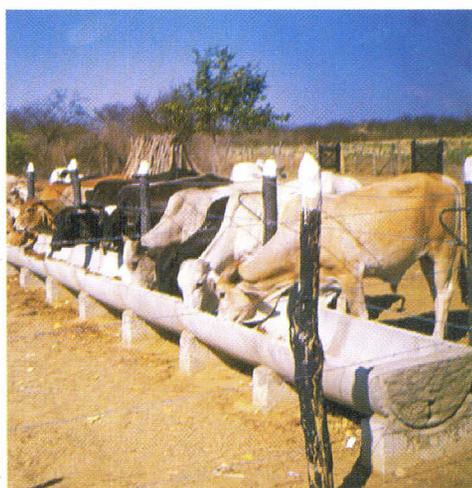
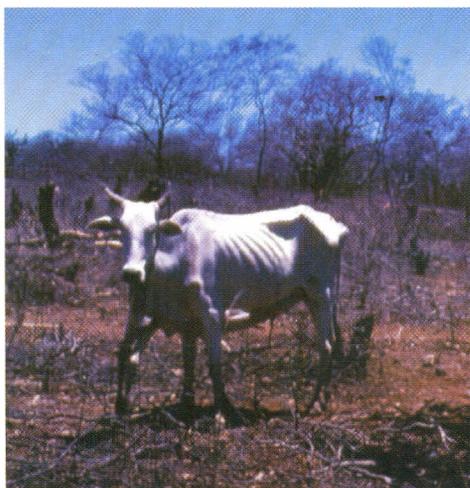


Instruções Técnicas da Embrapa Semi-Árido

6

Petrolina-PE, janeiro de 1999

COMO O PECUARISTA DO SEMI-ÁRIDO NORDESTINO DEVE ENFRENTAR EMERGENCIALMENTE UMA SECA



Clóvis Guimarães Filho



Clóvis Guimarães Filho - Médico Veterinário, M.Sc., Pesquisador em Manejo Animal

O que deve fazer o pecuarista, quando, de repente, começa a se confirmar um cenário de precipitações bem abaixo dos padrões normais, inviabilizando, na prática, as perspectivas de sucesso de qualquer plantio na estação normal de chuvas, tão ansiosamente aguardada? As opções estratégicas emergenciais capazes de permitir o pecuarista enfrentar, com razoável chance de sucesso, um prolongamento indefinido do período seco normal, incluem, em geral, decisões de transferir o rebanho para outras áreas, vendê-lo ou alimentá-lo em níveis de sobrevivência. A combinação dessas opções, quando possível, deve ser a preferida.

AS AÇÕES AO NÍVEL DE PROPRIEDADE

No que concerne às estratégias a serem seguidas pelos produtores, aquelas ao nível de propriedade ou de comunidade, abrangem ações relacionadas ao manejo da água, da pastagem e do rebanho. Toda estratégia emergencial, para atravessar um prolongado período de seca, deve se basear no objetivo de preservação de um núcleo mínimo de matrizes, aptas à produção, que possibilite ao produtor iniciar um processo de recuperação na atividade, passado o período crítico. As medidas mais importantes são as seguintes:

- *apartação dos bezerros, para reduzir o estresse da lactação e da amamentação, aumentando as chances de sobrevivência das matrizes;*
- *redução numérica do rebanho, para ajustar o número de animais à disponibilidade dos pastos, estabelecendo uma estratégia financeira que começa pela venda dos machos, incluindo bezerros com desenvolvimento subnormal, matrizes mais velhas e utilizando o dinheiro para compra de suplementos;*
- *segregação do rebanho (separação dos animais em categorias com base na condição corporal), para permitir tratamento diferenciado dos animais com distintas categorias de risco e de necessidade, racionalizando o uso dos suplementos disponíveis;*

- *utilização uniforme da forragem disponível nos pastos, através de um dimensionamento rápido dessa disponibilização, localização estratégica dos pontos d'água e de sal e análise da viabilidade de estabelecer cercas divisórias (elétricas), mesmo de caráter precário;*
- *atenção especial ao suprimento d'água, para aproveitamento racional das fontes disponíveis, inclusive as de origem vegetal, transporte do líquido para os pastos onde a fonte secou, diluição da água excessivamente salina;*
- *medidas de sanidade animal, incluindo o controle de endo e ectoparasitos e a vacinação dos animais para permitir uma melhor condição física para enfrentar o estresse alimentar;*
- *controle de predadores, reforçando a proteção, principalmente de cordeiros e cabritos, contra ataques de gatos-do-mato e raposas, mais frequentes nesses períodos;*
 - *controle da reprodução - analisar esta possibilidade dentro da concepção de que pode ser recomendável evitar totalmente acasalamentos, ou adiá-los por algum tempo, em função da intensidade e da duração do período de estiagem;*
- *suplementação alimentar, imprescindível no caso de seca total, ou seja, indisponibilidade absoluta de proteína e energia.*

Embora a redução numérica do rebanho e a suplementação alimentar dos animais restantes possam ser consideradas como os pontos básicos da estratégia (devendo, inclusive, serem iniciados antes de os animais atingirem uma condição corporal debilitada), somente a conjunção harmônica das medidas acima dará ao produtor do semi-árido nordestino a condição necessária para atravessar o período de estiagem, preservando uma condição mínima de capital, necessária ao processo de recuperação.

POUPAR O QUE TEM - COMPRAR O QUE NÃO TEM

Reiterando um cenário em que não se possa contar com forragem oriunda de plantios futuros, as opções terão que provir do estoque existente na propriedade, normalmente já muito pouco em um final de estação seca, e no potencial de compra externa do pecuarista. Assim, a ordem deve ser, desde já, poupar as reservas forrageiras, porventura ainda disponíveis, sob as formas de pastos secos, nativos ou cultivados ou de forragens conservadas. Havendo alguma disponibilidade de capital ou utilizando os recursos provenientes da venda de machos, matrizes velhas ou de baixa fertilidade, deve ser considerada a hipótese de aquisição de grãos e de subprodutos agroindustriais. Outra alternativa, para algumas regiões, seria a transferência, parcial ou total, do rebanho para outro local, em melhor condição de pastos e água, de sua propriedade ou alugado a terceiros.

Evidentemente, o uso de uma ou mais dessas alternativas deve ser precedido de uma análise custo-benefício, sempre tendo em mente um contexto de sobrevivência do núcleo reprodutivo do rebanho e não, simplesmente, de incremento em peso vivo.

Dentro desse enfoque, a uréia desponta como um ingrediente-chave, capaz de conciliar simplicidade, eficiência e custo, nas suas mais diversas formas de utilização. A amonização

de palhadas com uréia, em muitas situações, não pode ser considerada uma boa opção, já que demanda água em seu processo. Para aqueles pecuaristas descapitalizados e sem recursos forrageiros, o aproveitamento de palhadas e de qualquer tipo de folhagem disponível na propriedade, inclusive ramos e galhos finos secos da própria caatinga, misturando-as, no cocho, com uréia, surge como a melhor opção.

AS ALTERNATIVAS TRADICIONAIS

Em uma situação emergencial, de calamidade, não se deve esquecer as alternativas tradicionalmente utilizadas pelos pequenos pecuaristas do semi-árido, como o sisal (resíduos do beneficiamento e corte de outras partes), as cactáceas e euforbiáceas espinhentas (corte e queima de xique-xique, mandacaru, macambira) e as espécies nativas da caatinga que mantêm as folhas nas secas (derruba de ramas de juazeiro e icó, principalmente). Estas alternativas já demonstraram o seu valor para a sobrevivência dos rebanhos, durante as longas estiagens que assolaram o semi-árido nordestino ao longo das últimas décadas.

ARRISCAR TAMBÉM É IMPORTANTE

É fundamental, para o pecuarista, o acesso à informação, procurando acompanhar cuidadosamente as mudanças e perspectivas meteorológicas, a fim de, em um cenário mais bem delineado, poder melhor avaliar as probabilidades de sucesso em plantios de espécies tolerantes à seca, capazes de produzir o máximo de massa verde em um mínimo de tempo (ex: sorgo forrageiro, milheto, melancia forrageira, entre outras). Este é um procedimento de risco que, certamente, dará frutos, pelo menos, em algumas unidades agroecológicas do semi-árido brasileiro.

ALTERNATIVAS ESTRATÉGICAS PARA SUPLEMENTAÇÃO ALIMENTAR DO REBANHO

POUPAR O QUE EXISTE	<ul style="list-style-type: none">. PALMA FORRAGEIRA, ALGAROBA. FENOS, SILAGENS. PASTOS DIFERIDOS (CAATINGA, BUFFEL, UROCHLOA)
ALUGAR DE TERCEIROS	<ul style="list-style-type: none">. PASTOS DIVERSOS
COMPRAR, SE POSSÍVEL	<ul style="list-style-type: none">. GRÃOS (SORGO, MILHO). SUBPRODUTOS AGROINDUSTRIAIS (FARELOS DE SOJA, TRIGO, ALGODÃO, LEVEDURA, MELAÇO, CAROÇO DE ALGODÃO, CAMA-DE-FRANGO). VOLUMOSOS (BAGAÇO DE CANA, CAPINS DE CORTE, RESTOS DE CULTURAS DA ÁREA IRRIGADA). URÉIA
APROVEITAR	<ul style="list-style-type: none">. TRATAR PALHAS E FOLHAGENS DIVERSAS DE BAIXA QUALIDADE COM URÉIA. CORTE/QUEIMA (MANDACARU, XIQUE-XIQUE, MACAMBIRA, GRAVATÁ). CORTE/DERRUBA (JUAZEIRO, ICÓ, SISAL)
ARRISCAR	<ul style="list-style-type: none">. PLANTIO (SORGO, MILHETO, MELANCIA FORRAGEIRA)

Instruções Técnicas da Embrapa Semi-Árido são publicações com o objetivo de divulgar as tecnologias apropriadas para as áreas irrigadas e de sequeiro de interesse econômico para a região semi-árida brasileira.

Planejamento e editoração: Francisco Lopes Filho: Eng^o Agr^o, M.Sc., Pesquisador em Fitotecnia – Área de Comunicação e Difusão de Tecnologia - Diagramação: Nivaldo Torres dos Santos - Digitação: Auxiliadora Viana - Fotos: Cícero Barbosa.